

ADILSON ODAIR CITELLI

Um enclave perturbador

(Notas sobre espaço e religião em *Os Sertões* e *Os Jagunços*)

"Converteu o deserto em lago de águas, e a terra árida em mananciais de águas. E estabeleceu ali os famintos, e eles fundaram uma cidade habitável."

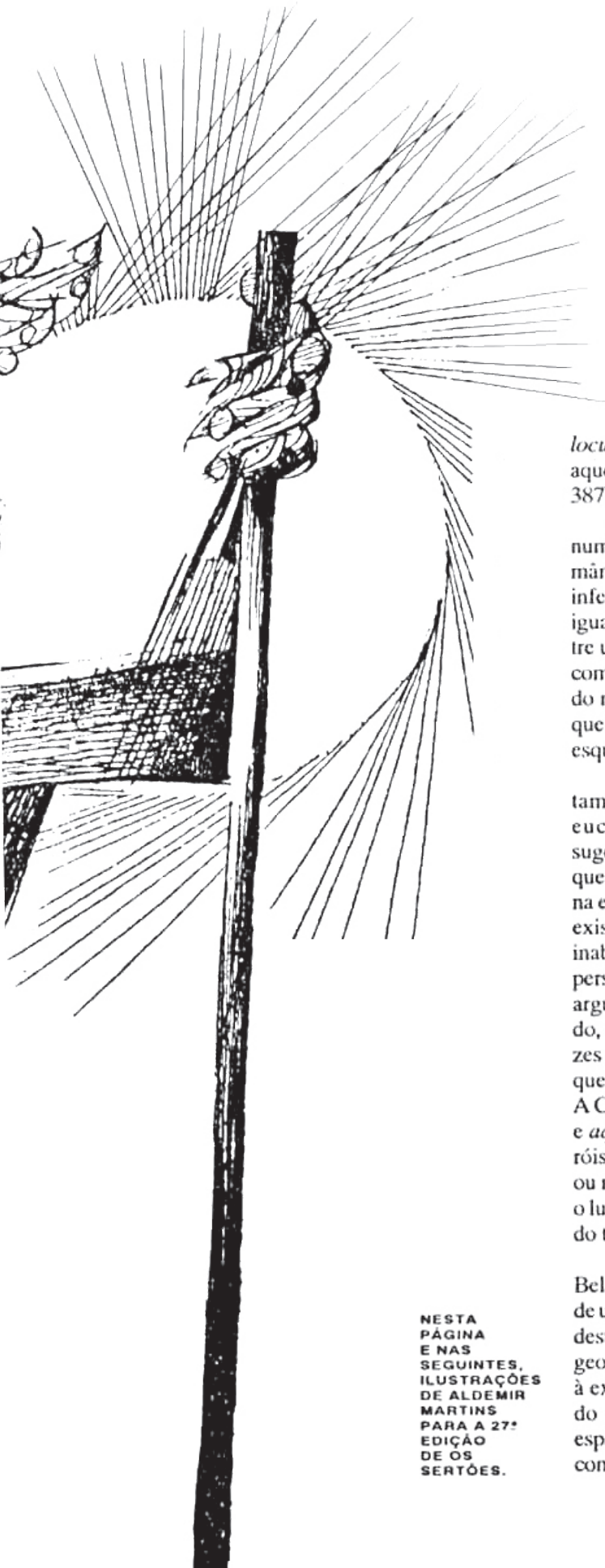
(*Salmos: 106*)

As serras pontiagudas, a secura do solo, os carrascais ingratos, as dobraduras medonhas, as intempéries radicalizadas nos aguaceiros tempestuosos e na esterilidade de um solo que assiste aos seculares movimentos humanos, num ir e vir por entre labirínticos caminhos que testemunham silenciosamente a busca de alimentos para o corpo e para o espírito, parecem atestar a existência de um privilegiado cenário para o exercício do imaginário religioso.

Nesse lugar mítico, capaz de estimular célebres oxímoros como os de Deus e do Diabo em luta aberta na terra do sol, surgiu a *urbs* de barro, a cidadela do sonho e da morte: Canudos. Lugar perturbador que levou Euclides da Cunha a se enredar em escorpíonicos movimentos de linguagem no intuito de apreender as motivações que teriam levado o caótico homizão de famigerados facínoras a se transformar num

ADILSON ODAIR CITELLI é professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e autor de *Linguagem e Persuasão* e *O Romantismo* (ambos pela Editora Ática).





NESTA
PÁGINA
E NAS
SEGUINTE,
ILUSTRAÇÕES
DE ALDEMIR
MARTINS
PARA A 27ª
EDIÇÃO
DE OS
SERTÕES.

locus de heróicos valentes martirizados, aqueles "rudes patrícos indomáveis" (S, p. 387) (1).

Assim como a escrita euclidiana - feita num original e dilacerado cruzamento semântico de termos como céu, purgatório e inferno -, a Canudos por ela composta vive igualmente marcada pela tensão. Agora entre uma ciência de circunstância, assumida como apta para dar respostas aos mistérios do mundo, e a fluidez dos acontecimentos que teimam em surpreender os rigores dos esquemas explicativos.

Por tudo isso fica difícil precisar, exatamente, qual o núcleo do pensamento euclidiano acerca das significações sugeridas pelo espaço de Canudos - algo que oscila entre a pura degradação mundana e um vago aceno do Cosmos -, visto não existir um pensamento linear, de convicção inabalável, à maneira de uma tese onde o persuasor pode assumir a linha reta de uma argumentação inquestionável. Neste sentido, *Os Sertões* é um texto aberto. Suas vozes são múltiplas e criam armadilhas para quem se apressa em fazer juízos redutores. A Canudos de *Os Sertões* consegue ser isto e aquilo: antro de bandidos e berço de heróis. O que pode ocorrer é uma ênfase maior ou menor num ou noutro aspecto, segundo o lugar e o tempo onde se processa a leitura do texto.

É possível perceber, no entanto, que a Belo Monte euclidiana nasce no contexto de uma longa descrição física do sertão nordestino, no interior de um acidentado *facies* geográfico que cria toda série de obstáculos à existência da vida humana. Porém, mais do que um paradoxo geomorfológico, o espaço de Canudos pode ser lido, também, como um mito. E nas múltiplas acepções

Este texto foi ampliado e desenvolvido em uma vertente do meu trabalho de doutorado: *Os Caminhos da Salvação (Modos de Ver e de Compor em "Os Jagunços", de Afonso Arinos)*. São Paulo, FFLCH-USP, 1990 (mimeografado)

1 O símbolo S passará a indicar a 29ª ed. de *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

contidas no termo; tanto no sentido de lenda como no de transfiguração da realidade. Canudos é estória e projeção simbólica.

Antes de se constituir em relato frio e objetivo, matéria exclusiva de um historiador, *Os Sertões* oscila entre a apresentação de relatos, testemunhos, pesquisa de material jornalístico e algo que poderia ser genericamente chamado de exercício ficcional (2). O texto euclidiano, ao mesmo tempo em que deseja caracterizar o cotidiano da cidadela, mergulha, igualmente, em “causos”, estórias, referências que beiram o universo lendário.

Daí que a máxima de Taine, segundo a qual os fatos deveriam ser mostrados a partir do rigoroso critério da observação, evitando-se a “*demi-verités qui sont demi-faussetés*” (S, p. XXX), seja acompanhada de situações onde a força do imaginário se encarrega de reordenar o aparente veio inflexível daquilo que só o olho consegue perceber e o rigor da ciência sistematizar:

“Era a sua obra-prima. Ali passava os dias, sobre os andaimes altos e bailéus bamboantes. O povo enxameando embaixo, na azáfama do transporte dos materiais, estremeceva muita vez ao vê-lo passar, lentamente, sobre as tábuas flexuosas e oscilantes, impassível, sem um tremor no rosto bronzeado e rígido, feito uma cariátide errante sobre o edifício monstruoso” (S, p. 133).

A imaginação euclidiana anima toda a cena e não seria necessário uma análise sistemática dos corredores isotópicos para se ter a evidência de uma rede de significações construída a partir de singular (re)leitura dos eventos. Os andaimes bamboantes, o povo estremeceendo ao ver o Conselheiro se equilibrando no alto das tábuas oscilantes, o rosto rígido, o caminhar impassível, tudo se articula numa área do sentido que convida o leitor a vivenciar signos menos afeitos ao diligente trabalho do historiador e mais presos ao espírito do romancista.

Ainda que seja possível uma larga exploração desse veio de Canudos enquanto estória, vejamos um pouco o que se disse acerca da idéia da projeção transfigurada da realidade. Neste caso, a Belo Monte euclidiana ganha uma dimensão metonímica. É a faceta da nacionalidade que expressa simbolicamente tanto o atraso, a barbárie, a coragem, como a incompetência oficial para solucionar problemas emergentes. Assim, o espaço de Canudos é, enquanto realidade física animada pelos homens, o espelhamento de um país matizado pelo desacerto e pela incapacidade de realizar o movimento de unidade nacional. De certa forma, Canudos projeta, pela metonímia, o *mito do desajuste*. É um caso de singular reunião de párias sociais, equívocos políticos, desencontros raciais e descompassos culturais. Trata-se, em última instância, de uma parte do próprio desacerto nacional que vive fragmentariamente os espaços litorâneos e sertanejos.

Dark ness at noon. Conquanto os rigores do sol do deserto o que reina é a escuridão. O exército não leva a missão pacificadora, tampouco a escola e os professores, a rua do Ouvidor nunca ouviu falar na caatinga, o aldeamento “dos matutos” assume com radicalidade os sentidos da carência “...pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça” (S, p. 123).

A sensibilidade euclidiana esbate-se, na composição do *mito do desajuste*, entre a percepção do fato econômico e que poderia conduzir os juízos numa direção, a “miséria do homem”, e o esquema naturalista que determina a inflexibilidade da “decrepitude da raça”. É verdade que, neste caso, o advérbio de intensidade *mais* acentua retoricamente a ênfase quanto ao elemento biológico e passa a registrar, nas marcas da etnia, a inevitável separação entre o jagunço e o resto do corpo social. É o paradoxo maior da questão do desajuste, sinal de que o sol do meio-dia condenou o deserto à escuridão.

Talvez derive daqui o fato de as metáforas usadas para compor certas imagens de Canudos resultarem, quase sempre, de situações culturalmente “inferiores”, como se refletissem um mundo condenado ao desaparecimento. É a paródia grosseira da antiga morada romana, o *wigwan* dos peles-vermelhas, as choupanas dos gauleses de César, é a “...fase transitória entre a caverna primitiva e a casa” (S, p. 123).

Deste modo, uma parte do espaço canudense está representado pela idéia do *locus* que não conseguiu ouvir os apitos do trem da Estrada de Ferro Leste Brasileiro: entre a estação de Queimadas - e a conseqüente ligação de Salvador com Juazeiro - e Belo Monte havia as serras do Coxamango, do Meio, da Onça, do Jabacumã, do Bendengó, do Cambaio, as

2 O aspecto propriamente narrativo de *Os Sertões* foi estudado por Walnice Nogueira Galvão: “Euclides da Cunha”, capítulo preparado para a *História Comparada das Literaturas Latino-americanas* (texto mimeografado). Veja-se ainda: Afrânio Coutinho, “Os Sertões, Obra de Ficção”, in Euclides da Cunha, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, v. II; Franklin de Oliveira, *Euclides: a Espada e a Letra*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

outras serras e grimpas e escarpados, os morros e morretes, o deserto, o silêncio. Lá, por trás das muralhas:

“...a mesma revivescência de estádios remotos: o facão jacaré, de folha larga e forte; a parnaíba dos cangaceiros, longa como uma espada; o ferrão ou guiada, de três metros de comprido, sem a elegância das lanças, reproduzindo os piques antigos; os cacetes ocos e cheios pela metade de chumbo, pesados como montanhas; as bestas e as espingardas. (...) Nada mais, de nada mais necessitava aquela gente. Canudos surgia como a feição média entre a de um acampamento de guerreiros e a de um vasto kraal africano” (S, p. 124).

No interior do atraso, na vivência marginal e no desencontro racial, só poderiam mesmo vicejar formas de adesão religiosa agravadoras do já débil estágio civilizatório do “matuto”. Reside aqui, no tratamento dado às questões envolvendo o sagrado, um dos mais expressivos exemplos do mito do desajuste. A fusão dos rituais “mórbidos” expressa, segundo a visão euclidiana, a exata medida do plano regressivo de um povo condenado ao desaparecimento e que tem, na devoção a Antônio Conselheiro, o último vínculo significativo com as coisas deste mundo. O atraso e a miséria existentes a duzentas milhas da costa acabariam por ser resgatados através do único veículo possível, o error místico, a salvação quiliástica devidamente preservada por um espaço fisicamente insulado.

A natureza morta, a paisagem triste, a aridez do solo, a quase esterilidade da terra sugerem o cenário privilegiado para o exercício da mitigação, da provação capaz de produzir a simbiose de santos e guerreiros. Canudos é erigida, assim, como uma espécie de altar do desatino, um fortim de rituais primitivos, *locus* animado pelo cruzamento de *Benditos* e estampidos de espingardas, cujas montanhas protegem naturalmente contra a ação deletéria do *Cão*, dos padres decaídos e do casamento civil. É a terra prometida aos errantes sem História, alheios às conquistas da civilização, alimentados por uma “(...)religião mestiça em traços incisivos de manipansos: Santos Antonios proteiformes e africanizados, de aspecto bronco, de fetiches; Marias Santíssimas, feias como megeras” (S, p. 124).

Ou seja, aquilo que parece funcionar como elemento de salvação do sertanejo - um sistema de crenças ao qual não falta o aspecto sincrético cristão/pagão, catolicismo oficial/



catolicismo popular - é visto pela ótica euclidiana como uma outra instância da mestiçagem marginalizada, um outro elemento do desajuste:

“Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promessa - Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras...” (S, p. 127).

Mas não é apenas a variável religiosa a responsável pelo desequilíbrio sertanejo, também o desconhecimento do mundo das caatingas e o descaso oficial formam o cenário para o desfecho trágico de Belo Monte. Neste sentido é curioso observar como, ao longo de *Os Sertões*, o exército, símbolo da civilização e da ordem, passa a ser visto como agenciador do caos e da destruição. A maneira como o mundo urbano atacou Canudos, numa seqüência genocida, faz com que Euclides saia do circuito da mera condenação dos “jagunços” e passe a considerar o problema do exercício do poder como uma variável importante para se compreender a complexidade do drama desenvolvido às margens do rio Vaza-Barris. O que está em causa não é apenas reconhecer as infelicidades geradas pela indefinição racial e pela ritualização mística, mas também estabelecer certos nexos históricos, políticos e culturais que permitem a manutenção do atraso e a conseqüente irrupção das “anomalias”.

Ao desviar o eixo do puro julgamento dos “brancos proteiformes” para uma indagação mais ampla acerca das causas da guerra, a própria configuração do “jagunço” é alterada. A coragem e o despreendimento do sertanejo que não se importa com a morte, numa mistura original de estóico e guerreiro, impressiona fundamentalmente o espírito euclidiano. Ainda que Canudos possa estar representando em *Os Sertões* uma espécie de estágio intermediário para a salvação, uma “(...) romaria miraculosa para os céus(...)” (p. 129), a figura do puro místico retardatário é adensada com a imagem de um combatente incansável, um guerreiro com as marcas dos “(...) rudes patrícios indomáveis” (S, p. 387). Uma gente com o perfil do heroísmo anônimo:

“Velhas megeras de tez baça, faces murchas, olhares afuzilando faúlhas, cabelos corredios e soltos arremetiam com os invasores num delírio de fúrias. E quando se desdobravam sob o pulso daqueles, juguladas e quase estranguladas pelas mãos potentes, arrastadas pelos cabelos, atiradas ao chão e calcadas pelo tacão dos coturnos - não fraqueavam, morriam num estertor de feras, cuspidos-lhes em cima um esconjuro doloroso e trágico” (S, pp. 308-9).

O que se percebe nesta passagem é uma projeção do duplo movimento que marca o texto euclidiano: de um lado, a selvageria bárbara, misto de coragem, fé e determinação guerreira, e, de outro, a ação daqueles que, agindo sob o manto da missão civilizadora, revelam o mesmo instinto desagregador, a mesma sanha bárbara, representando através de cada jugulamento o exercício de um poder discricionário que resolveu agir, contra a diferença, ao som dos canhões, do querosene e das explosões da dinamite. Aqui reside, talvez, um dos aspectos de maior tensão dramática de *Os Sertões*: a história não é progressiva (3), as teorias da evolução parecem ter passado ao largo do mundo das pedras e dos desertos. Os homens, determinados a levar cultura superior ao tabaréu, progresso e ordem ao sertão, voltaram para a rua do Ouvidor com as mãos cheias de sangue e nenhuma glória para desfilar pelos palácios da Capital Federal. Aliás, pela ótica euclidiana, a lição final de Canudos parece ensejar o derradeiro dos paradoxos, pois o próprio exercício místico acaba sendo incorporado pelo mundo urbano e cultor da ciência. O que existe em Canudos é apenas uma troca de sinais quanto à natureza do fetiche. Se a fé sertaneja é alimentada por Antônio Conselheiro, a do exército segue Floriano Peixoto:

“A luta pela República, e contra os seus imaginários inimigos, era uma cruzada. Os modernos templários, se não envergavam a armadura debaixo do hábito e não levavam a cruz aberta nos copos da espada, combatiam com a mesma fé inamalgável. Os que

3 O que não deixa de ser uma constatação dolorosa para um homem com a formação de Euclides da Cunha.

daquele modo se esbatiam à entrada de Canudos tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efígie do marechal Floriano Peixoto e, morrendo, saudavam sua memória - com o mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro (...)” (S, p. 310).

Canudos pode ser vista, portanto, como uma expressiva representação do Brasil. É o lugar onde a civilização não apenas sepultou a barbárie, mas igualmente sepultou-se. A síndrome de Belo Monte, em seu jogo de avessos, terminou, por uma síntese trágica, conferindo às diferenças as mesmas semelhanças: os mesmos fetiches, os mesmos santos, o mesmo modo inglório de morrer. Canudos, em última instância, contaminou os seus invasores porque não foi permitido construir ali um laboratório analítico das reações humanas, algo a ser compreendido à luz de certos critérios antropofísicos, culturais e sociais, mas nunca pela irracional violência das armas.

Neste sentido, Belo Monte deixa de existir como dado físico para se transformar em mito, uma projeção transfigurada da realidade, e um caso lendário: “(...)Canudos não se rendeu(...)” (S, p. 407). Daí que as imagens finais acerca do esgotamento completo da cidadela ganhem força e dramaticidade; algo que lembra uma caixa de ressonâncias cujos sons penetram em todos os ouvidos. Os canhões do coronel Olímpio da Silveira, a metralha, a dinamite, os gritos dos degolados formam ondas acústicas que, ampliadas no texto euclidiano, projetam para além do cercado de montanhas onde estava Belo Monte os dramas de um país dividido.

Visões do sagrado

“Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no misticismo feroz e extravagante” (S, p. 102).

“Por ali não havia lugar para gente medrosa e, além disso, o vigor da crença religiosa, a segurança de pelejarem pela fé, dava aos jagunços este solene desprezo da morte, que já os indígenas mostravam diante do suplício, cantando hinos de guerra, ou entoando façanhas das tribos” (J, p. 263) (4).

O modo como Euclides da Cunha configura o espaço de Canudos, entendido sobretudo como um lugar de embate entre diferentes estágios *civilizatórios*, acaba por dispensar à questão religiosa um tratamento que não chega propriamente a reconhecer a natureza do fenômeno sagrado no interior das sociedades simples. Ou, posto de outro modo, a presença do elemento sagrado no espaço de Canudos deriva de uma ótica tão identificadamente “profana” que muitos dos juízos euclidianos terminam resultando em pura discriminação, contribuindo para difundir a idéia de Belo Monte como lugar onde impera o delírio místico.

À visão de Euclides da Cunha pode-se opor a de Afonso Arinos, para quem Belo Monte tem uma definição aprioristicamente religiosa, não no sentido do delírio, mas da revelação de um sistema de crenças integrado às necessidades simbólicas daquele grupo humano. O modo como Arinos apresenta o fenômeno religioso em Canudos aproxima-se de uma perspectiva “sagrada”, no que ocorre o afastamento de certos pressupostos etnocêntricos que marcam *Os Sertões*.

Estas posições antagônicas escondem, no fundo, percepções do problema da religiosidade popular derivadas de formações filosóficas nascidas em circunstâncias muito diversas. A de Euclides orientada por um pensamento materialista, conforme o entendimento do final do século XIX, enquanto a de Arinos está impregnada de um saudosismo agrário, anti-republicano, à qual não falta a idealização dos valores do povo e da mística católica (5).

O pacto de fé, posto em várias passagens de *Os Sertões* como resultado do encontro entre as “aberrações católicas, as tendências impulsivas das raças inferiores, a indisciplina sertaneja e o atraso em que vivem nossas populações sertanejas” (S, p. 102) (6), para Afonso Arinos pode ser motivo de redenção e prova de um inquebrantável perfil moral impulsionador da força guerreira. Neste caso, a guerra sertaneja é alimentada, também, por

4 Indicação a ser usada doravante para o texto de Afonso Arinos, *Os Jagunços* (in *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1969).

5 Aspectos espalhados por toda a obra de Afonso Arinos. Veja-se, particularmente, “Lendas e Tradições Brasileiras” e “Histórias e Paisagens”.

6 É preciso considerar esta afirmativa na perspectiva múltipla vista páginas atrás como marca de *Os Sertões*.

uma espécie de substrato permanente que move os homens em defesa de suas crenças e do direito de exercitar a vida religiosa. Daí que os índios e os sertanejos não temessem a morte, como aparece na epígrafe, mas, ao contrário, enfrentassem com a galhardia dos cantos guerreiros certos ritos de passagem, simples provações para o encontro com Deus.

Afonso Arinos parece desejoso de explicar a reação de Canudos, como se ali houvesse ocorrido um grande pacto ontológico entre seres instigados por um princípio essencialmente sagrado. Entende-se, portanto, que a salvação seja vista como um prêmio aos que deram a vida pela fé. Morrer é apenas uma circunstância a ser dimensionada pelos critérios religiosos, um fato a revelar o “(...)vigor da crença(...) a segurança de pelear pela fé(...)” (J, p. 263). Daí o “(...)solene desprezo da morte” (J, p. 263).

Vale dizer: as categorias com as quais operam Euclides da Cunha e Afonso Arinos nascem de um esquema opositivo consagrado pela tradição filosófica no Ocidente e que contrapõe, como forças em permanente luta, os esquemas racionais, explicativos, e os substratos subjetivos, crentes, instintivos. Não causa estranheza o fato de *Os Sertões* tender a colocar a dimensão cósmica do homem enquanto referência para uma crítica culturalista que vê nos aspectos hierofânicos indícios de um “(...)fetichismo bárbaro(...)” (S, p. 102), algo próprio de quem não alcançou a fase da razão. Euclides compreende, portanto, as referências religiosas sertanejas como partes de um comovente exemplário do atraso. De algum modo, o barulho das máquinas havia sido abafado pelo som dos sinos da igreja do Bom Jesus.

Desta forma, as instâncias do *mysterium tremendum* surgem como mais um caso de impertinência mística, uma extravagante revelação do que pode vicejar num quadro de abandono e desajuste animado por um Messias catalisador das insatisfações terrenas e anunciador das utopias do mundo novo, à moda de Antônio Conselheiro. Ou, se colocássemos a questão sob outro registro de linguagem: Canudos significou a síntese de uma sacralidade errática (se é que para Euclides existia alguma de outra natureza) no interior de um tempo que deseja a dessacralização. A modernidade euclidiana parece buscar, neste sentido, viver a experiência radical de um mundo sem deuses.

Em *Os Jagunços* a questão religiosa é tratada sob outras referências. Aparece enquanto clara tensão entre os planos do sagrado e do profano. Canudos passa a representar aquela porção de terra onde o verbo viver ganha outras conotações e os homens podem regenerar-se por estarem próximos do Salvador. Fora deste lugar existe um *outro mundo*, “(...)diferente e desconhecido” (J, p. 381), onde a fragilidade da crença empurrará, irremediavelmente, os homens em direção ao Dragão da Maldade.

Mesmo no interior de Belo Monte, os espaços possuem importância diferenciada segundo uma maior ou menor proximidade com as hierofanias. A igreja, o em torno de Antônio Conselheiro, por exemplo, representam circunscrições que “fecham” ainda mais as marcas da fé espalhadas por casas, casebres, ruas, ruelas. Assim, para Arinos, pouco interessa considerar Canudos enquanto ordenação propriamente econômica, conquanto não falte a lembrança de que:

“E naquele povo reinava a abundância, filha do trabalho. Eles não conheciam o luxo, nem o que se chama erroneamente ‘conforto’, aí pelas cidades grandes” (J, p. 381).

Mas o que importa em Belo Monte é menos a questão dos mecanismos produtivos geradores de excedentes para o comércio e mais o fato de estarem os sertanejos na posição de quem duvidava ter existido “(...)um mundo antes ou fora de Belo Monte” (J, p. 381).

Deste modo, cria-se uma linha divisória entre a sociedade sagrada e o mundo inclusivo, sendo que os vasos comunicantes entre eles podem ser rompidos a qualquer momento, como aliás fica claro na fala de Vila-Nova a Antônio Conselheiro: “Eu acho que meu Conselheiro deveria mandar prevenir esse povo de fora” (J, p. 340).

Noutros termos, a recomendação de Vila-Nova traz consigo o pressuposto da existência de dois mundos, sendo que um deles pode se fechar, isolando-se em sua dimensão de território-santuário. Esta concepção de Arinos produz imagens de uma Canudos surgida para responder às exigências da espera messiânica, um *locus* de expectativa. Um *centro* (7) dedicado à escatologia salvacionista, Canaã, onde, para lembrar os sonhos de Clemente da Alexandria, existirá fartura de mel e maná, sendo que o lobo e o cordeiro viverão em

7 Douglas Teixeira Monteiro tende a relativizar a ideia de Belo Monte como uma ilha de purificação: “Deve ser acentuado, entretanto, que Canudos, com toda a probabilidade, não foi - pelo menos durante todo o tempo de sua curta existência percebida como centro do mundo - fulcro de um espaço sagrado”. Porém, em parágrafo subsequente, o mesmo autor observa: “[...] talvez torne necessário admitir o fato de que - sem que tenha sido esta a orientação dominante - entre os seguidores poderia ter-se desenvolvido a convicção da singularidade absoluta de Canudos como o lugar da Salvação”. “Juazeiro, Canudos e Contestado”, in Boris Fausto (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1977, v. 2, t. III, p. 69. A última parte do enunciado de Douglas T. Monteiro coincide, evidentemente, com a proposição básica acerca do fenômeno religioso de Belo Monte posto em *Os Jagunços*.

paz: “Le miel coulera du rocher, des sources de lait et de vin s’épancheront. Les bêtes sauvages s’apprivoiseront-nulle ne vivra plus de répandre le sang, car Dieu les pourvoira toutes d’une nourriture profuse et innocent” (8).

Assim, a idéia do centro voltado a reverenciar a ordem sagrada e a permitir o surgimento do reino terrestre pode ser lida no texto de Arinos:

“-É aqui! E com o bordão foi apontando os lugares onde pretendia levantar o grande templo de sua nova Sião” (J, p. 203).

A “fundação do novo mundo” é acompanhada do aparecimento de um contingente cada vez maior de peregrinos (9), muitos deles percorrendo o roteiro existencial do homem religioso que implica sair do lugar decaído rumo ao sacralizado. É uma gente que no mundo de fora pode estar envolvida com o crime e a violência, à maneira de João Abade ou Pajeú, mas que agora entrega sua vida ao Santo e à defesa do centro de salvação.

O desenvolvimento desse problema na ficção de Arinos dá-se através da personagem Luís Pachola que, conquanto não fosse propriamente um “fora da lei”, realiza igualmente o percurso do *mundo de fora* para o *de dentro*. É neste processo de passagem, onde não faltam os rituais de purgação, que se molda o novo caráter do vaqueiro, agora totalmente ligado ao tempo da espera quiliástica.

Tal questão ganha outra dinâmica no texto euclidiano. O que se lê em *Os Sertões*, a partir do mito do desajuste, do embate entre os espaços do progresso e do atraso, é o avesso da experiência religiosa, dado que o “centro do mundo” passa a ser visto como um espaço que se degradou e onde impera a *desordem*, malgrado o heroísmo sertanejo e o *mistério* de uma resistência inexplicável. Na Canudos de Euclides não há propriamente fundação do mundo, mas o encontro de variáveis simbólicas desagregadoras, fortes o suficiente para tonalizarem a religião mestiça do aglomerado humano posto na contramão da história. Isso nega, evidentemente, a visão de Arinos acerca do cosmos canudense.

A tendência em *Os Jagunços* é a de afirmar a presença de um “espaço primordial”, lugar que se diferencia do “outro mundo”. Para tanto, as próprias condições do em torno de Canudos são dramatizadas. Assim, as características do ambiente, que mistura às agruras da terra a antevisão do céu, num curioso encontro do diabólico terreno inóspito com o altar da salvação, servem para fixar a idéia de um *continuun* ontológico entre os seres e a natureza:



8 Wilhelm E. Muhlmann, *Messianismes Revolutionnaires du Tiers Monde*, Paris, Gallimard, 1968, p. 233.

9 Há uma discussão, e que não interessa nos limites deste trabalho, acerca das diferentes razões que teriam levado certos grupos a Canudos. Alguns pareciam motivados por questões mais econômicas, caso sempre lembrado é o dos irmãos Vila-Nova. Nada disso, contudo, altera substancialmente a caracterização do espaço religioso redentor construído no texto de Alfonso Arinos.



“Mas a natureza circundante, embora acudisse à palavra do missionário, não se lhe submeteu sem um contrato: os homens que ali morassem teriam de irmanar-se com a região. E eles se irmanaram. A eles, só a eles, as caatingas dariam acesso franco; para eles a terra exsudaria mananciais pelos buracos das cacimbas; para eles os espinheiros encolheriam as garras e as escarpas baixariam o dorso. Na terra das caatingas medrou o jagunço” (J, p. 204).

Vale dizer: as circunstâncias que envolvem o centro garantem uma relação inequívoca entre o crente e a terra: “A eles, só a eles, as caatingas dariam acesso franco”. Daí que as águas, os espinheiros, o *facies* geográfico passem a representar não apenas partes de um cenário, mas elementos integrados ao problema existencial do homem religioso. Aqui, o Caos está eliminado e o Cosmos pode ordenar os significados que unem seres e natureza enquanto componentes de um grande sistema sacralizado. Os obstáculos transformam-se, apenas, em ritos de passagem cuja finalidade é a de configurar uma totalidade voltada ao plano do sagrado e à devoção de Deus. Por isso, a única cláusula de um contrato não escrito para a formação do mundo próprio é o verbo *irmanar*, numa expressão clara de que os sentidos da vida podem ser encontrados na identidade fundamental entre as forças que compõem primordialmente o Cosmos, sobretudo as da natureza, e o homem.

Arinos e Euclides apresentam, com relação a este problema, perspectivas diversas. O entendimento de que o sagrado se constitui num sistema, como aproximadamente está em *Os Jagunços*, ou em fermento para degradação, segundo *Os Sertões*, fará com que nestes textos o espaço de Canudos ganhe sentidos diferenciados. No primeiro caso pode-se falar num conceito conexo ao de fundação do mundo, a saber, um espaço com sentido próprio, integrado e homogêneo (10). No segundo impera a visão de que os lugares não possuem propriamente dimensão sagrada (11), refletindo, apenas, o ritmo do progresso, revelando graus de evolução da espécie humana. Não há, aqui, homogeneidade, mas sim heterogeneidade espacial; quebra-se, em consequência, a idéia do centro, do ponto fixo. Ou, para lembrar uma passagem de Mircea Eliade:

“(…) la revelación de un espacio sagrado permite obtener ‘un punto fijo’, orientarse

10 Considere-se a visão idealizadora de Arinos que tende a ver Canudos muito como um locus redencionista. Douglas Teixeira Monteiro atribui a natureza “fechada” do lugar aos coronéis e sacerdotes que se vendo ameaçados pela influência de Antônio Conselheiro tentam isolá-lo. “Juazeiro, Canudos e Contestado”, p. 69.

11 Isto não elimina o fato de que em *Os Sertões* o elemento religioso possa ter sido tratado como um dos componentes motivadores da resistência sertaneja.

en la homogeneidad caótica, 'fundar el mundo' y vivir realmente. Por el contrario, la experiencia profana mantiene la homogeneidad caótica y, por consiguiente, la relatividad del espacio. Toda orientación verdadera desaparece, pues el 'punto fijo' no goza ya de un estatuto ontológico único: aparece e desaparece, según las necesidades cotidianas. A decir verdad, ya no hay 'mundo' sino tan sólo fragmentos de universo roto, la masa amorfa de una infinidad de 'lugares' más o menos neutros en los que se mueve el hombre bajo el imperio de las obligaciones de toda existencia integrada en una sociedad industrial" (12).

Ao tratar da questão religiosa pela janela da razão positivista, Euclides da Cunha projeta a imagem de uma Canudos onde imperam a desordem e a descontinuidade, expressões últimas do encontro entre o misticismo fetichista que alimenta os rituais maldefinidos e os seres vivendo em atraso.

Arinos, por seu turno, admite estar diante de um espaço com estatuto sagrado, portanto, onde existem ordem e continuidade:

"Agora, ele não é mais o simples missionário, o eremita peregrino que vagava pelo sertão bravio, sem outro norte que não a missão divina. Agora, já era o fundador do Bom Conselho, o fundador de Belo Monte, o santo enviado de Nosso Senhor, o Bom Jesus, o Conselheiro" (J, p. 203. Grifos meus).

Ou:

"Foi assim que nasceu a cidade de Belo Monte, capital dos novos puritanos, cuja fé e cujo entusiasmo pela obra divina as palavras do missionário acendram" (J, p. 203).

Trata-se, evidentemente, de uma caracterização sacralizante, ainda que Canudos pudesse possuir, como afirmado em outro momento, corredores de contato com o "mundo exterior" - pelo menos até que o círculo da linha negra a isolasse totalmente. Deve-se destacar, no entanto, o fato de existir um modo próprio de integrar o externo ao interno. A agitação em torno da cidade é sustentada por um pressuposto religioso do espaço. No que importa, estamos diante de um enviado de Deus que funciona como elo de ligação entre os pecados, o cotidiano da cidade e a salvação. Não se trata de um agente econômico empenhado em racionalizar as leis do comércio com vistas ao crescimento material da região. Entre os princípios primeiros da ética conselherista não está o estímulo à compra e venda de mercadorias, senão a defesa de um reino de expectativa messiânica (13).

Na Canudos de Arinos, o som do *Bendito* tinha força para fazer cessar os eventuais barulhos do comércio, mesmo porque: "A autoridade do Conselheiro era ampla e indiscutível; sua influência, tão profunda quanto o sentimento religioso que ele encarnava" (J, p. 244).

Este perfil da homogeneidade, lugar onde será travado o último combate, é reforçado pelo progressivo rompimento com o mundo exterior:

"Até então, os habitantes da redondeza entravam e saíam de Belo Monte, como e quando quisessem. Quando foi das missões passadas, veio gente de muito longe, do Cumbe e de outras partes, assistir à pregação. Mas, agora, não. O 'chefe do povo', principalmente, andava muito desconfiado dos emissários vindos de fora ou de espiões" (J, p. 254).

Vale dizer: o espaço de Canudos tende a se fechar para o "outro mundo", criando a idéia dos "estrangeiros", aqueles que vivem regidos por diferentes referenciais ontológicos, premidos pelo pecado e pelo demônio. Uma gente que vem do espaço da indeterminação e da heterogeneidade, lugar onde a existência se desintegra e o mal estabelece o seu reinado. De alguma forma é com os originários do mundo profano que se instaura a destruição, o que só confirma a distância entre a perspectiva escatológica de quem já está

12 *Lo Sagrado y lo Profano*, Madrid, Guadarrama, 1973, p. 27.

13 José Calasans mostra, no entanto, que não faltou em Belo Monte uma certa "funcionalidade capitalista", graças à mistura de beatos e negociantes. Ver: *Quase Biografias de Jagunços (O Séquito de Antônio Conselheiro)*, Salvador, UFBA, Centro de Estudos Baianos, n.º 122, 1986.

sob a égide da salvação e aqueles aliados às forças baixas, no seu desfile de republicanos, falsos cristãos, padres lúbricos, protestantes, maçons.

Mas é sobretudo através do modo como Afonso Arinos apresenta a tensão entre a vida sertaneja e a distante ação do governo que se pode constituir com mais clareza a idéia de um centro em luta contra os instigados pelo Cão. Ao eleger o elemento religioso como um importante ponto de inflexão para entender a resistência sertaneja, Arinos acaba trabalhando com as categorias do Caos e do Cosmos naquela aceção de um embate entre espaços regidos por diferentes visões de mundo:

“Quanto aos poderes da terra, quanto ao Governo, este estava muito longe para se lembrar deles. Dele, pois, nunca tiveram motivo de gratidão. Mas agora, esse poder se aproximava para destruir os templos que eles ergueram no meio do deserto; para arrebatá-los os filhos e tomar-lhes aquele que, só e pobre neste mundo, fez de sua miséria força para ajudá-los e penou com eles pelos desertos, ensinando-lhes a esperar tudo do céu, já que da terra nada tinham. Assim pensavam os jagunços e concluíam que para eles o Governo era o inimigo. Colocaram-se, pois, de corpo e alma, ao lado de quem lhes dava alimento à alma e ao corpo: puseram-se ao lado do Conselheiro” (J, p. 254).

Uma análise dos campos associativos das palavras, assim como dos esquemas antinômicos, apresentaria uma sucessão de elementos reveladores da tensão que estamos apontando entre o mundo de dentro e o de fora: poderes da terra contra os poderes do céu; Ele (o Conselheiro e seu séquito) em oposição a Eles (o governo distante). É suficiente observar, contudo, que o estrangeiro aliado às forças da destruição sai do seu lugar “muito longe” para travar um combate visando a comprometer um tempo de espera salvacionista e um lugar voltado a ritualizar o sagrado (14). Os inimigos vieram para destruir os templos e matar o Santo, encarnação do combate ao mal, esperança de uma vida justa, símbolo da perseverança, alternativa para o encontro dos caminhos de Deus e da salvação, aquele que fez “de sua miséria força para ajudá-los e penou com eles pelo deserto”. Estar junto do Conselheiro envolve, portanto, um ato de agregação material e espiritual e que garante o “alimento à alma e ao corpo”. O discurso indireto do narrador admite, desta forma, que não apenas os estranhos desconhecem os crentes como estes nada têm a esperar daqueles. Os de fora e os de dentro são, pois, partes de um sistema vivendo em planos simbólicos e materiais absolutamente diversos. Daí estarem as referências ao ponto fixo marcadas pelas imagens redentoras e messiânicas dos que estão no “meio do deserto”, dos “beduínos da fé” (J, p. 382), da caravana assemelhada ao “grupo bíblico” (J, p. 382), do lugar inóspito e distante vivendo em paz, à moda de um exílio voluntário e santificado, mas destemeroso e pronto a guerrear o inimigo, sendo conduzido por homens aos quais não falta a certeza de que: “suceda lo que suceda, por terrible que sea, tiene sentido para el por estar relacionado con el significado último de las cosas” (15).

Assim, a resistência sertaneja deve, segundo o narrador de *Os Jagunços*, ser vista num quadro de embate entre duas forças (16): aquela vivendo em torno de um *Axis Mundi*, um pólo de agregação marcado pelo direito de realizar diariamente a missa, de conservar diferentes hierofanias, de manter um corpo de preceitos éticos e sociais; e uma outra, nascida com a desagregação ontológica do homem, armada com referenciais políticos e culturais postos sob o signo do dragão primordial:

“O Conselheiro impôs silêncio a todos e continuou: De que valia ele, pobre e triste pecador, sem auxílio do Bom Jesus? Era com o Bom Jesus que todos deveriam contar. Só o Bom Jesus poderia fazer milagres. Por meio do Bom Jesus o fraquinho teria mais forças do que o gigante e o povo de Belo Monte poderia vencer o Governo. Fossem, pois, os homens válidos ao encontro do inimigo

14 Ainda que desejássemos arrefecer um pouco, no texto de Arinos, a idéia de Canudos como centro, não poderíamos deixar de considerar a projeção simbólica de um espaço hierofânico onde, ainda que não “commencer la création” propriamente, existe uma “energie de la vie” diferenciada, produto que é do encontro dos designios do céu com as necessidades da terra no ritual da espera do novo tempo. Ver: Mircea Eliade, *Traité d'histoire des Religions*, Paris, Payot, 1949, pp. 323 e segs.

15 Peter Berger, *El Deseo Sagrado. Elementos para una Sociología de la Religión*, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1971, p. 143.

16 É verdade que o texto de cunho messiânico escrito por Arinos acaba restringindo a questão dos movimentos religiosos-populares abandonando, de certa forma, o fato de existirem realidades políticas no interior das quais vivem tanto a sociedade global como o mundo dos seguidores de Antônio Conselheiro. Para uma visão integradora do problema religioso ver: Ralph Della Cava, *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976; Vittorio Lanternari, *As Religiões dos Oprimidos*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

que estava ali perto. Não precisavam ir todos. Tocassem para trás o inimigo, como quem toca o demônio, com o nome de Deus na boca. Alçassem a cruz e percorressem Belo Monte cantando. Tomassem depois o rumo da Lagoa do Cipó, certos de que, para os que morressem no serviço de Deus, estavam abertas as portas do céu” (J, p. 264).

No texto de Arinos, colocado sob um arranjo dos discursos direto e indireto, e que pretende pôr num mesmo plano os apelos da personagem e a simpatia do narrador, o encontro entre o povo sagrado e as forças da impiedade está expresso no jogo adverbial cá/lá (povo de Belo Monte *versus* o Governo); os de dentro, aos quais estavam abertas as portas do céu e os de fora, os inimigos, o gigante, o aliado ao demônio. Proteger o espaço sagrado é pois uma maneira de preservar a própria dimensão religiosa do homem.

Neste contexto, a voz inflamada do Conselheiro parece funcionar como símbolo do encontro de uma visão escatológica do sertanejo com a percepção de Arinos segundo a qual Canudos pode ser vista à luz dos ciclos messiânicos. Isso porque ao mesmo tempo em que ali o Anticristo foi combatido e venceu, serpente a se mover entre a fumaça e as trevas, o fim de Belo Monte não representou o arrefecimento da crença sertaneja. A cena final de *Os Jagunços* é toda dirigida no sentido de apontar para o restabelecimento do ciclo messiânico, visto que Luís Pachola e Tia Joana, personagens que depositam, uma as esperanças de prosseguimento da guerra, e a outra a redenção dos deserdados remanescentes do derradeiro combate com as tropas do general Artur Oscar, irão encetar uma nova cruzada em busca de um outro lugar diferenciado:

“Para eles, de fato, toda a vida, no mais alto sentido da palavra, se tinha passado ali. Ali sofreram, ali pejejaram, ali empregaram as energias da alma: ali viveram, nos poucos anos de vida de Belo Monte. E como se o reflexo das impressões mais fortes deixasse apagada a memória da existência anterior, os jagunços sentiam-se agora indecisos, hesitantes, fracos, de todo inespertos, tal se fossem de repente arrojados a um mundo diferente e desconhecido. Era-lhes preciso respirar, readquirir a consciência, tomar posse de si mesmos no meio daquele esplêndido renascimento da Natureza. (...) A caravana triste se enquadrou na paisagem como um grupo bíblico, sobre o qual descia a luz etérea da bem-aventurança.(...) Os olhos da velha arrasaram-se, seus lábios enrugados tremeram e seus olhos súplices ergueram-se até o céu, pedindo para os filhos andrajosos e famintos a bênção de Deus. E a tribo marchou para o deserto” (J, pp. 382-3).

A retórica bíblica-messiânica-salvacionista de Arinos tem suas limitações, particularmente por esconder motivos ideológicos que diluem no fato imediato de Canudos os desejos de construção de projetos nacionais que são menos coisas de Deus e mais pertencentes ao reino dos interesses dos homens. No entanto, é importante considerar que o destaque dado à variável religiosa-popular, enquanto elemento de agregação ativa de uma comunidade, não apenas aponta para um significativo aspecto matizador dos movimentos rebeldes primitivos como também representa uma resposta à forma através da qual se tentou interpretar, no tempo, o enigma de Canudos. Afora as já conhecidas acusações de complô restauracionista, havia também a tendência de se vincular o aspecto religioso à pura articulação simbólica da histeria coletiva, transformando-se Antônio Conselheiro no signo decaído de um corpo de crenças que, paradoxalmente, parecia respeitado quando transitando pela alcatifa palaciana e disputando espaços no interior do poder.

No solo recrestado, no meio dos difusos sonhos igualitários e escatológicos, entre cactos e espinhos, só poderia vicejar alguma forma de error pronta a ser combatida pelos crentes na razão civilizada.